

Furacão afetivo começou ainda em Minas Gerais

Amigos de infância lembram os feitos e as paixões do jovem Darcy Ribeiro, que tentou colorir a represa de Montes Claros

Daniela Name

• Darcy Ribeiro não foi uma imagem projetada para os refletores. Na intimidade, o professor, antropólogo e senador era tão ou mais vibrante que o homem público compulsivo por entrevistas bombásticas. O furacão Darcy começou muito antes da fama. Na cidade natal de Montes Claros, em Minas Gerais, ele era conhecido pelo temperamento briguento, pela fala apressada e pelas travessuras. O próprio Darcy contava, orgulhoso, que um dos maiores feitos de sua vida era ter jogado azul de metileno na represa da cidade — acreditava que a água colorida ia ficar mais gostosa. Outra marca registrada era o talento com as mulheres.

— Ele sempre foi muito danadinho — lembra a professora Leda Sarmento de Medeiros, vizinha de Darcy em Montes Claros. — Paquerava todas as meninas e chegou a dar em cima de mim, mas percebi o jeito dele e nunca dei confiança.

Leda, casada com o escritor Léo do Ivo, manteve a amizade até o fim. Bem humorada, conta que o vizinho paquerador mudou muito quando completou 12 anos:

— Foi a época em que ele descobriu a biblioteca de um tio. Sempre falante, virava-se para a gente, contando vantagem: “Estou lendo muito, li um livro muito interessante”. Chegava a fazer discursos, fascinado, mas nunca dizia o nome dos tais livros. Foi desenvolvendo um pernosticismo muito sedutor.

Já apaixonado pela literatura e com o sonho de ser escritor na bagagem, Darcy mudou-se aos 17 anos para Belo Horizonte, a fim de estudar medicina. A vida na capital mudou a cabeça do jovem provinciano — que passou a gostar da poesia de Drummond e da pintura de Portinari, antes odiadas — mas manteve a espontaneidade do interior.

— Ele estudava medicina, mas conhecia gente de todos os cursos — lembra o escritor Raul de Sá Barbosa, que na época estudava direito em Belo Horizonte. — Tinha conversa em todos os ambientes e chegou a organizar excursões às cidades históricas.

Sá Barbosa ainda lembra das noites que começavam na pensão de dona Marucas, onde Darcy morava, e iam terminar na estadia de Anita Garibaldi, no meio do Parque Municipal.

— Eu ia estudar com colegas que também moravam na pensão e parava por volta das dez da noite. Corria para o quarto do Darcy e varávamos a madrugada conversando. Ele sempre falava mais do que eu. Lá pelas tantas, pegávamos o bonde e íamos para o parque, para ver o sol nascer.

A memória desse tempo está registrada com bastante destaque em “Confissões”, autobiografia inacabada do senador. Darcy pediu os diários que Sá Corrêa escreveu na época para incluir no livro as melhores passagens sobre sua juventude.

— Aos 19 anos ele já era o Darcy que todos conheciam — acredita o amigo. — Tinha mil idéias ao mesmo tempo, falava sem parar e dava apelidos para todos os nossos amigos. Havia três Paulos na nossa turma e um deles, coitado, depois de passar pela língua ferina de Darcy, nunca mais deixou de ser o Paulo Feioso.

O jovem Darcy ainda vive com clareza na memória da escritora e empresária Vera Brant, uma de suas maiores amigas. Vera tinha 8 anos quando conheceu o rapaz de 20, que paquerava sua irmã. Roupas sambando no corpo ma-

gro, bigode engomado, cabelos à escovinha, ele passou a frequentar a casa da família e, em vez de casar com a filha mais velha, ganhou a caçula para a vida inteira. Vera o acompanhou em todas as lutas e sonhos: viu o surgimento da UnB, acompanhou a resistência ao Governo militar, sofreu com o exílio do amigo, chorou junto com ele o seu câncer.

— Vera, naveguei a noite toda pelos mares da memória. Quase morri. Ondas grossas me arrastaram nas areias do fundo do mar. Ondas leves, espumosas, me alcançaram às alturas do céu. Vivi, outra vez, vívidos meus dissabores maiores: exílios, prisões, dores. (...) Nesta navegação celeste e abissal, um traço grosso, horizontal, cortava todas as ondas. Era você, Verusca. Você menina. Você menina feita. Você mulher. Você madura. Você agora. Sempre a meu lado, mão na minha mão. Às vezes, raras vezes boca na boca, não mais. Pobre de nós. Coitadinho de mim”, escreveu ele em carta para a amiga, publicada no ano passado no caderno “Prosa & Verso”, do GLOBO.

— É verdade, a única coisa que não fiz com ele foi namorar — lembra ela. — Percebi rapidinho

o jogo dele e sabia que nunca ia ser a única. Por isso nem quis saber. Sempre quis me poupar de maiores sofrimentos.

Em 96, num almoço que reuniu o presidente Fernando Henrique e o ministro da Educação, Paulo Renato, no apartamento dele em Brasília, Darcy disse que se apaixonara por três mulheres na vida: as cantoras Gal Costa e Maria Bethânia, nos anos 60, e a apresentadora Xuxa, nos anos 80. Vera conta que não perdeu a oportunidade de afinetar o amigo:

— Pelo menos nesse ponto ele era igual a todos os homens. Ficava tarado pelas mulheres impossíveis, que não lhe davam bola. Por isso também era meio apaixonadinho por mim, né?

Darcy cultivava a fama de galanteador como um mito. Sentia prazer em deixar interlocutoras ruborizadas, fossem elas companheiras de partido e de universidade, repórteres, fotógrafas, escritoras. Mandava bilhetes pornográficos, convidava para almoços, lanches e jantares, se esmerava nas melhores dedicatórias, desconcertava com elogios e apertões em público. A diretora do Museu da República, Anelise Pacheco, foi um dos últimos al-

vos amorosos do senador. A bela filha do senador Álvaro Pacheco conheceu Darcy há cerca de dois anos e meio, quando o museu lembrou os 40 anos de suicídio de Getúlio Vargas. Ela garante que nunca namorou o professor, mas aceitava suas cantadas e galanteios com muito prazer.

— Ele cantava sem cerimônia e não perdia a oportunidade de passar a mão na gente. Mas tudo fazia parte de uma *mis-en-scène*, nada era vulgar. Dizia que gostava mais do meu corpo do que do meu jeito interessado em seus livros e me apelidou de “dona instituída”. Mas levar a sério o teatro que ele fazia era dar um sinal de profunda ignorância.

Anelise acredita ainda que o mais admirável em Darcy era a capacidade que tinha de reunir as ex-mulheres em volta de si. Fiel a todos os amores, ele usou o *chat-room* do GLOBO ON, no ano passado, para se declarar ao maior deles: a antropóloga Berta Ribeiro, que está em coma há meses com o agravamento de um câncer no cérebro: “Foi minha companheira, a mulher que eu mais amei. Queria beijá-la muito, mas não consigo ir vê-la, porque sei que vou chorar”. ■